

A relação entre Festa e Engajamento na Manifestação #EleNão

Matilde Wrublevski

Doutora em Artes Cênicas pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Mestre em Artes da Cena pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Especialista em Gestão e Produção Cultural pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Graduada em Artes Cênicas pela Faculdade de Artes do Paraná (FAP/UNESPAR). Professora da Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: matildewrublevski@hotmail.com.

Resumo: A manifestação #EleNão ficou marcada no Brasil no ano de 2018 por uma participação expressiva da população. Ao analisar, através da experiência e da reflexão, essa manifestação na cidade de São Paulo, foi possível perceber uma composição permeada por elementos festivos. Assim, a partir da noção de dramaturgias de festa como propositora de aspectos que indicam a relação pertinente entre arte, política e festa, podemos destacar o encontro e a pluralidade enquanto pontos de discussão para analisar o caso da manifestação #EleNão. Entre a celebração e o protesto, a festa aparece nesse artigo identificada como uma expressão fragmentada que possibilita uma participação dialética e a exposição de posicionamentos pluralizados, que vão além da pauta central.

Palavras-chave: festa; política; participação; engajamento.

La relación entre fiesta y compromiso en la Manifestación #EleNão

Resumen: La manifestación #EleNão en 2018 estuvo marcada por la importante participación de la población en Brasil. A partir de la experiencia y la reflexión sobre esta manifestación en la ciudad de São Paulo, fue posible percibir una composición impregnada de elementos festivos. Así, desde la noción de dramaturgias festivas como proponente de aspectos que indican la pertinente relación entre arte, política y fiesta, se destaca el encuentro y la pluralidad como puntos de discusión para analizar el caso de la manifestación #EleNão. Entre celebración y protesta, la fiesta aparece como una expresión fragmentada que permite la participación dialéctica y la exposición de posiciones pluralizadas que van más allá de la agenda central.

Palabras clave: fiesta; política; participación; compromiso.

The relation between festivity and engagement in the #EleNão Protest

Abstract: The 2018 #EleNão Protest in Brazil showed a significant participation of the population. Analysis, by experience and reflection, of this protest in the municipality of São Paulo, found a composition permeated by festive elements. Thus, the notion of party dramaturgy as a proposition of aspects that indicate the relevant relation between art, politics, and festivities can highlight the encounter as points of discussion to analyze the #EleNão case. Between celebration and protest, the festivity merges as a fragmented expression that enables a dialectical participation and the exposition of pluralized positions, which exceed its main agenda.

Keywords: festivity; politics; participation; engagement.

Quando refletimos sobre processos de engajamento no âmbito social podemos abordá-los por diferentes perspectivas. Uma delas reside sobre a esfera política das relações, em que é possibilitado destacar ações de negociação, além da reunião de pautas abrangentes e/ou específicas. Ao aproximar essas noções pode-se encontrar um contexto de ligação entre festa e organização política, cuja associação possui longa trajetória histórica. No entanto, em um cenário contemporâneo, as disposições e reverberações dessas possíveis relações são permeadas por atravessamentos de outras esferas. No caso desta pesquisa, estão relacionadas a experiências estéticas ou artísticas que, ao se posicionarem politicamente no espaço público em uma constituição de formato festivo, podem provocar uma conjuntura de fortalecimento de uma pauta comum em um estado de negociação sobre possíveis resoluções.

Este estudo apresenta a noção de dramaturgias de festa (Wrublewski, 2022) como ponto de partida para a análise de uma ideia de engajamento aliada a elementos de participação festiva na manifestação #EleNão, de 2018. Para construir um percurso consistente serão utilizadas referências jornalísticas, teóricos que abordam a temática dos protestos e participação política, a experiência desta autora como presença observadora e atuante, além da proposição do olhar por meio do termo dramaturgias de festa – como parte de uma pesquisa específica sobre o desenvolvimento e a aplicação dessa noção. Desse modo, traçamos uma reflexão que aponta para aspectos de um movimento festivo, demonstrando que estes aspectos estão relacionados a demandas e perspectivas que extrapolam a pauta inicial da manifestação.

O sentido de dramaturgias de festa está pautado principalmente na complexidade do encontro como modo de negociação de diferentes formas de produção de coletividade, passando por desejos, olhares e concepções que são simultaneamente individuais e coletivos. A festa aparece como provocadora deste encontro com qualidade de caos aparente e intencional, mostrando uma relação dialética entre a ordem e a desordem e abrindo caminhos para o inesperado. Essa condição é vista como formadora de uma comunidade efêmera, cujo sentimento é negociado e se reestrutura constantemente, sendo delimitado pela constituição temporal do acontecimento, junto com o encontro dos corpos que se propõem ao convite. Assim, trata-se da identificação do encontro festivo como um modo de criar o reconhecimento de cada participação dentro do âmbito coletivo e as implicações das escolhas individuais sobre as ações coletivas que são elaboradas (Wrublewski, 2022, p. 42).

A noção de dramaturgias de festa é construída, inicialmente, em pesquisa sobre participação em propostas artísticas. No entanto, visto que podemos observar que em manifestações políticas identifica-se um caráter estético e cênico como parte da composição do discurso, o engajamento e a participação, nesses casos, podem ser relacionados a formas de organização com estratégias que se assemelham à participação como público de um espetáculo festivo, distendido em tempo e formato. A festividade expressa um modo de convivência e coexistência em uma lógica que é cotidiana e festiva ao mesmo tempo (Wrublewski, 2022, p. 36).

Dentro da pluralidade de possíveis dramaturgias de festa, localiza-se o caos aparente por uma composição de elementos que acabam por refletir um contexto sociopolítico, cultural e os discursos e posicionamentos a ele vinculados, abarcando ângulos que passam por escolhas ou nuances de ações participativas. Assim, compreende-se que as diferentes práticas estão aliadas a um discurso político que passa pela trajetória dos participantes e/ou propositores, bem como pelo contexto histórico em que ele está inserido. Dessa forma, a ideia de dramaturgia e de festa está articulada para pensar e produzir engajamento em um acontecimento permeado pela noção de comunidade.

Quando olhamos para o Movimento Ele Não, que tomou as ruas no dia 29 de setembro de 2018, em aproximadamente 114 cidades no Brasil e em outros países (Portugal, Alemanha, Argentina, França, Espanha, Estado Unidos e Inglaterra), temos um exemplo que traduz a relação das dramaturgias de festa com a conjuntura política. Muitos olhares se voltaram para esta ocasião, propondo reflexões e modos de compreendê-la. As pautas de lutas de mulheres ao longo do ano de 2018, em um contexto de polarização política marcada, entre outros segmentos, por raça e

gênero, que culminaria neste momento (Brum, 2018); pensar a manifestação como um ápice da quarta onda do movimento feminista, em um momento histórico em que a organização de pautas é colocada em diálogo e, por vezes, em conflito, entre diferentes vertentes do movimento, abrangendo aspectos econômicos, raciais, de orientação sexual, entre outros, oferecendo, assim, a defesa da democracia como agenda em uma composição plural das participantes (Kalil, 2018; Castro & Abramovay, 2019); a organização da manifestação produzida por mulheres por meio, principalmente, da atuação de um ativismo em ciberespaços (Soares, 2021; Paulino & Paulino, 2019); as diferenças de abordagens na cobertura midiática entre os grandes veículos de comunicação e redes online de notícias produzidas de modo independente (Vasconcelos & De et al, 2018); além da análise do público presente na manifestação, apresentando características socioeconômicas, etárias e identitárias, ao tentar compreender as principais diferenças entre os apoiadores dos candidatos à presidência daquele ano (Martuscelli, 2020; Goldstein, 2020).

Neste caso, será observado que, apesar de não ser constituída como uma proposta festiva, sendo centrada em uma pauta direcionada contra uma candidatura específica ao cargo de presidente da república, o aspecto da festividade estava fortemente presente no evento que aconteceu em São Paulo. Sendo a característica de festa como uma forma de dramaturgia espontânea, provoca qualidades de relações e organizações análogas às festas populares brasileiras e incluindo no debate outros tipos de engajamento e reivindicações atreladas ao contexto político e social do país.

Pauta Central e Encontro Festivo

As manifestações de 2018 contra a candidatura do Partido Social Liberal (PSL) à presidência da república das eleições daquele ano foram, segundo Rossi, Carneiro e Gragnani (2018), em reportagem da BBC News Brasil, as maiores manifestações de mulheres na história do Brasil e uma das maiores manifestações contra um candidato. Se pensarmos que na organização desse movimento existia um objetivo comum como pauta e que, mesmo diante de diferenças ideológicas significativas, foi possível criar um ato com magnitude significativa, podemos observar que existe uma relação entre a característica plural das formas de engajamento e posicionamento discordantes possíveis.

A pauta central estava colocada contrária às diversas afirmações que o candidato proferiu ao longo da sua trajetória em cargos políticos, defendendo a diferença salarial entre homens e mulheres, pelas suas “diferenças naturais”; ao atacar a parlamentar Maria do Rosário (PT), com uma ameaça referenciada à estupro; e ao votar favorável ao impeachment de Dilma Rousseff, dedicando seu voto a um coronel reconhecido como torturador do período da ditadura militar no Brasil. No entanto, apesar do movimento ser organizado por mulheres, as pautas colocadas publicamente abarcavam questões democráticas e de outros grupos minoritários, como a distorção do papel da educação sexual nas escolas, equiparando-o ao ensino de sexo às crianças e a defesa da tortura e da violência sobre a população LGBTQIAPN+. Estes são alguns exemplos de um posicionamento ideológico mais abrangente que fere a democracia, a dignidade e os direitos humanos.

A disposição dos manifestantes de 2018 faz alusão a imagens tradicionais de atos e protestos históricos, principalmente em espaços públicos. Esses eventos são caracterizados por uma reunião de pessoas em que o agrupamento para demandar ou expressar uma ideia em comum são o ponto central da estratégia. Quanto maior a aglomeração de corpos e vozes, maior a demonstração de força e potência. Aliado a um formato de assembleia comum aos atos políticos, vemos um corpo que vivencia uma manifestação política, transitando entre gritos comuns e demandas de grandes grupos, com músicas, instrumentos, intervenções artísticas e vendedores ambulantes comercializando camiseta, faixas, comida, água, cerveja etc. Vemos essa miscelânea quando olhamos para o exemplo da manifestação #EleNão.

O evento foi organizado pelo grupo Mulheres Unidas Contra Bolsonaro, principalmente por meio da rede social do Facebook¹, diante do cenário que se apresentava por meio das pesquisas de intenção de voto para as eleições de 2018.

¹“De repente, em meio a desencantos com a política, o aumento de diversos tipos de precariedades, violências, em especial contra as mulheres, e de retrocessos em conquistas de trabalhadores em plena reta final das eleições no Brasil, uma onda organizada por mulheres, “Mulheres Unidas contra Bolsonaro”, agregou 2 milhões, em poucos dias, que se opunham à sua candidatura, foi hackeado e colocado fora do ar, mas logo depois recuperado e devolvido para suas administradoras originais, aumentando o número de inscritas para a espetacular cifra de 3 milhões de membros” (Castro & Abramovay, 2019).

Uma bandeira preta identificava o bloco Mulheres Antifascistas. Negras, brancas, uma mulher indígena, jovens, periféricas, mulheres de classe média, universitárias, secundaristas. As mulheres posicionadas na linha de frente estão com os rostos cobertos com lenços da cor lilás, a cor do feminismo (Kalil, 2018).

O objetivo inicial era reunir, em uma única manifestação, diferentes partidos, organizações sociais e artísticas, torcidas organizadas e pessoas independentes. Assim, a manifestação tinha uma agenda determinada e a presença nas ruas foi massiva, principalmente em capitais como São Paulo e Rio de Janeiro, que estimou a contabilização de 500 mil pessoas.

A produção do encontro, como vemos ser tão cara à organização política, é apontada pelo estudo das dramaturgias de festa em sua profunda negociação das relações, seja na aproximação ou na recusa. Apesar de existir o caráter do prazer, não se trata de um acontecimento harmonioso, pois no encontro como proposição de comunidade efêmera é necessário considerar as perspectivas, histórias e afetos do outro (Wrublewski, 2022, p. 37). O encontro no evento do #EleNÃO construiu um espaço fragmentado, com contradições e debates sobre perspectivas e caminhos a serem tomados na política brasileira. A presença de um discurso comum, de repúdio ao candidato, não anulava a indefinição sobre as possibilidades de enfrentamento da situação, a curto e longo prazo. Na verdade, ter um ponto de engajamento parecia explicar as divergências. Por fim, os partidos de esquerda acabaram por dividir os votos entre os candidatos, de modo que não houve um candidato que conseguisse reunir a oposição.

Quando olhamos para o encontro do #EleNÃO por meio da noção de dramaturgias de festa, vemos que o modo como a manifestação foi convocada – em um movimento organizado por mulheres em torno de uma pauta específica –, somado à grande aderência de pessoas, reflete a reunião de diferentes posicionamentos sobre a própria narrativa da manifestação, além de um contexto sociopolítico de um movimento que vem se reconfigurando nos últimos anos. Ao enfatizar uma participação plural e democrática diante do tensionamento de negociações, pode-se ver um estado de inacabamento prévio, que aponta para a própria concepção do ato que se desdobra no tempo anterior, em sua convocação, durante o acontecimento e após a sua realização, sem necessariamente traçar limites. A participação que foi possível observar colocou em relevo a insistência em uma estética festiva de engajamento como forma de posição pública. O estado de inacabamento, dentro do sentido dramático de festa, apresenta um discurso que está em plena construção, não apenas na pauta da convocação, mas durante a manifestação com a dimensão que o movimento alcançou, como também posteriormente, com sua divulgação ou não na mídia. Isto é, houve um impacto do número de mulheres eleitoras que estavam posicionadas contra o candidato do PSL na eleição de 2018, assim como a dimensão de que esse posicionamento foi reelaborado a partir da experiência da marcha do dia 29 de setembro ao construir pontes entre diferentes segmentos sociais.

O caráter festivo da manifestação não fazia parte da pauta central, mas, quando se trata de uma manifestação política no contexto brasileiro, principalmente da última década, podemos observar que existem aspectos de festa que permeiam essas práticas, oferecendo, entre diferentes formas de organização, uma potência de relação, e até mesmo estranhamento por parte dos participantes. A relação entre arte, política e festa popular é histórica e antiga, sendo uma aproximação que ocupa não apenas o espaço público, mas permeando também condições de convivência, subvertendo sua ordem e funcionamento cotidiano. Portanto, tratava-se de um conjunto de ações e elementos festivos, mas que não se constituíam inteiramente como uma festa, como a exposição estética de papéis específicos a serem desempenhados, evidenciando identidades e diferenciações individuais ou de coletivos organizados e o momento de concentração, que desloca o tempo e espaço cotidiano para construir uma aglomeração de corpos que produziam sonoridades e se movimentavam como uma unidade assimétrica.

A Manifestação #EleNÃO em São Paulo foi uma das maiores do Brasil. Quando cheguei ao local, não era possível dimensionar o tamanho da multidão que ocupava o Largo da Batata e as ruas no entorno. A atmosfera da concentração fazia uma

forte alusão às festas de rua, em que os discursos de lideranças aos moldes de assembleia concorriam com fortes instrumentos de percussão de diversos grupos, bem como com discursos independentes proferidos em qualquer espaço possível, tensionando, desse modo, modelos tradicionais de manifestação política.

Ao andar entre os manifestantes pairava no ar uma esperança sobre a mudança no resultado das eleições, em parte pelo seu caráter celebratório, junto com o efeito massivo das convocações feitas pela internet. Nem todos os gritos de guerra representavam a todos, nem todas as ações eram bem recebidas, demonstrando uma negociação latente entre um desejo coletivo e posicionamentos que representavam grupos específicos. Havia jovens, adultos, idosos e crianças, torcidas organizadas, rodas de samba e grupos de hip hop, candidatos de diferentes partidos que conversavam com seus eleitores, artistas expondo cartazes, intervenções, vendedores de comida, bebida, faixas e camisetas.

Apesar de o movimento ter um carro de som, no qual várias lideranças discursaram, a manifestação em si extrapolava a condição de concentração e preparação em modelo de assembleia. Havia diversos grupos com instrumentos de percussão e megafone que proferiam palavras de ordem, músicas e paródias. Assim, se via uma grande organização que abarcava várias outras estruturas de relação, o que acabava por incluir diferentes formas de se posicionar sobre a pauta central daquele movimento. A festa, com seu caráter estético e relacional, neste caso, não existia como uma forma de produzir engajamento, mas como um modo de exercer participação. Ela aparece como uma potencialização dessa participação, pois ela expressa uma escolha no modo de como se relacionar com a proposta macro, apresentando questões identitárias, ao exemplo de músicas de funk e baterias de carnaval.

Ao compreender a festa como uma dramaturgia que se fez presente na manifestação do grupo nas redes sociais intitulado Mulheres contra Bolsonaro, estamos olhando para um reflexo não apenas de diferentes identidades coletivas, mas de diferentes demandas e históricos de participação popular. Então, se tomarmos o fato de ser uma manifestação e um movimento declaradamente de esquerda, teremos, dentro deste elemento aglutinador, um complexo cenário que reflete um Brasil fraturado, cuja democracia ainda está em processo de consolidação, com avanços e retrocessos ao longo da história.

Ao tomar a ideia de participação popular como uma forma de acesso e possibilidade de interferência, vemos que essa qualidade de atuação na vida social e política não existe na realidade brasileira da mesma forma para toda a população. Isto é, o caráter festivo reflete diferentes entendimentos e dimensões de participação, considerando a pluralidade de impacto sobre a pauta, a convocação via redes sociais e as estratégias e engajamento presenciais. Dessa forma, o modo como cada pessoa ou grupo escolhe elaborar sua participação, seja com um grande número de instrumentos que abafam os discursos, com movimentos de dança, ou em forma de cenas teatrais, posiciona seu lugar nessa multidão, colocando, assim, a participação popular ao lado da participação festiva.

Engajamento não é uma questão simples, pois não se pode forçar alguém a participar ou, até mesmo, a se posicionar diante de uma situação. Mesmo representantes legitimamente eleitos, quando pressionados, podem se esquivar de um posicionamento. Portanto, olhar para o engajamento e para a participação, no sentido utilizado neste texto, é passar pelo tensionamento entre indivíduo e coletivo, e entender que a escolha e o modo de posicionamento estão atrelados a uma ideia de pertencimento. Ter uma agenda única e clara na manifestação do #EleNão foi essencial para contemplar diversos grupos e partidos, mas foi percebida a presença de um espaço em aberto e indefinido. Esse espaço dava a possibilidade de cada manifestante ou coletivo escolher como seria a sua participação. Nessa conjuntura, foi observado um estado fragmentado de atenção, em que o participante transitava entre diferentes representações, na utilização de adereços, pinturas no corpo e no rosto, cartazes e bandeiras como identificação, como também com suas próprias músicas e gritos de guerra. Dentro dessa circunstância, foi percebida uma

disposição como de miscelânea, que lembrava festas de rua, carnavais e até festas religiosas, com imagens simbólicas.

A Relação Entre Participação e Contexto Político

Quando pensamos que a manifestação #EleNão se configurou como um acontecimento cujo propósito festivo não estava na agenda política, mas que se fez presente, caracterizamos a aproximação que existe entre festa e política como uma negociação constante. Se pesquisas históricas (Figueiredo, 2001; Souza, 2001; Reis 2001; Cunha 2001) demonstram que grandes revoltas utilizaram práticas e calendários festivos como meio de organização e poder, ver como a festa retorna para o lugar da política enquanto exercício de participação e posicionamento traduz uma insistência no caráter festivo enquanto potência dialética. Diante do exposto, podemos considerar a identificação de uma dramaturgia festiva não planejada na manifestação em São Paulo como uma resposta a um processo crescente de despolitização das relações sociais.

Esse processo é explanado por Wolfgang Streeck (2018) como um projeto político associado ao crescimento do capitalismo global, produzindo um estado de desregulamentação e produção imaterial de riqueza. A ideia de despolitização toca em um projeto que dificulta a participação popular ao se concentrar na construção e experiência de individualização do sujeito. O desemprego estrutural abordado pelo autor é um exemplo da crescente desregulamentação que atinge os mercados de trabalho, de bens e outras produções de capital, gerando contínua decadência de salários e condições de trabalho (Streeck, 2018, p. 30). Além disso, indica as subseqüentes derrotas da população dependente de salários, com o enfraquecimento dos sindicatos e de sua capacidade de greve. Como projeto em percurso, acabou por afetar as forças de organização dos trabalhadores, problematizando práticas de participação popular ao longo de muitas décadas.

Somado a isso, Streeck (2018) aponta para a distensão dos limites entre Estado e mercado, em que “a arena do conflito de distribuição político-econômico foi sendo transferida cada vez mais para longe do mundo das experiências e das possibilidades de intervenção política das mulheres e dos homens da rua” (Streeck, 2018, p. 41), dificultando assim a responsabilização de representantes em pautas públicas e estabelecendo uma organização e negociação que afetam as relações sociais e de trabalho, atreladas a um mercado privado internacional, totalmente afastado da vida cotidiana. A despolitização tratada pelo autor não está relacionada à ausência de consciência política, mas à dificuldade de organização coletiva, principalmente em segmentos de colaboração e cooperação social, e ao afastamento da participação popular. Em outras palavras, não se trata de uma dicotomia entre ser ou não politizado.

No entanto, na especificidade do contexto brasileiro, temos uma população historicamente fragmentada, com pessoas completamente à margem de qualquer participação direta, assim como pessoas que oscilam em suas compreensões sobre as possibilidades de exercer sua participação, de modo que a ideia de desregulamentação é expandida. Diante da articulação entre a conjuntura de desregulamentação, exposta por Streeck (2018), e o momento político brasileiro de 2018, o que poderíamos ver refletido na insistência de uma participação festiva da manifestação #EleNão?

O Brasil é um país em constante disputa, com projetos políticos que tensionam direitos básicos da população. O que presenciamos na última década parece acirrar essas disputas por meio de golpes, hostilidades e símbolos que representam valores reacionários. Em 2014, o Partido dos Trabalhadores venceu a acirrada eleição presidencial que acabou, no ano seguinte, por culminar em um golpe político com o afastamento da primeira presidenta eleita democraticamente, Dilma Rousseff. Os eventos se seguiram e as novas campanhas para a eleição presidencial de 2018 alçaram à presidência um candidato que representava uma união de elementos antidemocráticos e todo sentimento reacionário expressado fortemente e principalmente (mas não exclusivamente) pelas classes econômicas média e alta. Estava refletido o clima de instabilidade política, no sentido institucional,

mas também um expressivo engajamento ou envolvimento de organizações e coletivos sociais.

² “Segundo informado por reportagem online no Jornal Brasil de Fato, para mais detalhes ver: Sudré, L. (2021). Ameaças de morte, perseguição e uma única saída: os exilados do “Brasil de Bolsonaro”. Brasil de Fato. <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/29/marcia-tiburi-e-jean-willys-falam-sobre-ser-exilados-do-brasil-de-bolsonaro>.

³ Marielle Franco, mulher negra, lésbica e nascida no complexo da Maré, foi assassinada na noite de 14 de março de 2018, junto com seu motorista Anderson Gomes. O crime aconteceu no bairro Estácio, quando seu carro sofreu uma emboscada. Na época, o Estado estava sob intervenção federal na segurança pública. Dentre suas pautas, a vereadora denunciava constantemente a truculência policial contra moradores das comunidades.

A partir de 2018, o Brasil tornou-se cada vez mais hostil com opositores ao governo, com intimidações e ameaças, como podemos ver nos exílios do ex-deputado federal Jean Wyllys, da filósofa Márcia Tiburi, da antropóloga Débora Diniz, do escritor Anderson França e da pesquisadora Larissa Miles Bombardi², bem como no assassinato de Marielle Franco³, vereadora em exercício da cidade do Rio de Janeiro, cuja investigação ainda não foi concluída. A disputa que o país vive historicamente, e que na última década vem se articulando enfaticamente, coloca o lugar da participação como uma via plural de tensionamento dos mecanismos de poder.

Vemos na hostilidade desse cenário político uma problemática que intensifica um estado de instabilidade, erguendo cada vez mais barreiras que distanciam até mesmo indivíduos que atuam diretamente na vida política institucional. O movimento de afastamento da participação popular como um projeto político, em um país como o Brasil, onde a participação acontece de modo fragmentado – seja como resistência diante da falta de recursos ou com organizações sociais independentes do Estado – coloca certas lógicas e formas de atuação como parte da própria reflexão sobre essa condição. Quando apresentamos essa compreensão para a reflexão sobre a participação festiva na manifestação #EleNã, vemos que há uma declaração latente sobre a relevância de uma pluralidade necessária e reivindicada sobre a coexistência de diferentes modos de demonstrar posicionamento publicamente. Dessa maneira, traça-se uma diferenciação dos atos políticos sindicais em assembleias, ao mesmo tempo que se refletem inquietações de participação política que vão além da pauta original.

É considerado, nesta pesquisa, que o caráter festivo situa a ideia de participação em uma disposição de engajamento que passa pela desordem aparente e intencional como forma de tornar permeáveis os lugares de liderança, mostrando, assim, as especificidades de cada grupo ou indivíduo, em condição de simultaneidade. A ideia de pertencimento a esse pensamento aparece enquanto reconhecimento do impacto que existe dos posicionamentos e ações enquanto indivíduo único dentro de esferas coletivas.

As relações que são construídas no exemplo tratado neste artigo refletem a complexidade que existe por trás da questão do engajamento. O evento criado no Facebook, que continha as principais informações, como pauta da manifestação, hora, local e organização, foi responsável pela reunião das pessoas no espaço público. Porém, as múltiplas formas de participação criadas no momento presente do acontecimento pareciam extrapolar qualquer antecipação mais detalhada. A semelhança nítida com a ocupação das ruas proporcionada pelos dias de carnaval, e mesmo com jogos de futebol, ocorreu pela grande quantidade de vendedores ambulantes no entorno e espalhados pelos grupos aglomerados, comercializando camisetas, faixas, cerveja, drinks, comidas e outros adereços. Soma-se a isso a música, entre paródias e gritos de ordem, que transitava entre funk, rap, samba e outros gêneros. A caracterização dos manifestantes apresentava fortes elementos cênicos, no sentido carnavalizado e teatral. Muitos corpos traziam adereços, vestimentas e pinturas que comunicavam abertamente a aderência ao objetivo daquela reunião política, como também seus posicionamentos sobre rumos futuros possíveis. No que diz respeito à semelhança com o aspecto cênico, foram realizadas várias performances artísticas, coreografias, e utilizados grandes bonecos.

Essa reflexão sugere que as ideias de estrutura e organização não estão ligadas a uma ideia de unidade necessariamente em concordância, pois não há como pensar o Brasil com um segmento que unifique toda a população. Isso, por sua vez, pode indicar o elemento festivo como um espaço de negociação do comum, contendo no tensionamento a simultaneidade de diferentes posicionamentos que existem como complementares na criação desse acontecimento específico. Dentro de um estado de atenção que divide e se relaciona entre diferentes posicionamentos, a assembleia que não ganhou espaço em um primeiro momento é vista sendo realizada em outro formato. O debate recomeçava continuamente com: a formação de grupos entre

amigos e conhecidos, em que existiam divergências sobre a escolha do candidato de oposição; a troca de olhares cúmplices entre desconhecidos que reconheciam em cartazes, bandeiras, camisetas ou outras indicações de posição algum tipo de concordância; o vendedor de bebidas que gritava a pleno pulmões o seu voto e chamava as pessoas para conversar; na batucada de diferentes organizações e coletivos que cantavam suas diferentes posições delimitando abertamente o grupo e, por vezes, convocando outros manifestantes.

Quando falamos em engajamento, se olharmos para a Manifestação #EleNão de 2018, a presença de um grande número de participantes ocupando as ruas é uma questão relevante para expressar publicamente a dimensão das problemáticas que envolviam aquela candidatura à presidência. A pluralidade de organizações que compôs o movimento, entre partidos políticos – em especial os partidos que se reconhecem de esquerda –, associações sociais, grêmios estudantis, torcidas organizadas, trabalhadores de diversas áreas, refletia a sensação de pertencimento e responsabilidade não apenas em relação à constituição do ato político, mas a suas reverberações futuras. No entanto, essa participação significativa se estabelece na articulação de lugares de poder e no entendimento do seu próprio papel no sentido macro, posicionando, assim, ideologias e perspectivas sobre a participação política coletiva e individual.

O conceito de multidão de Hardt e Negri (2012) pode ser um modo de aprofundar a constituição heterogênea dessa manifestação. Para os autores, povo e multidão tem um sentido antagônico, o primeiro sendo formado por uma unificação e o segundo por uma pluralidade de singularidades, sem comportar um poder soberano. Essas singularidades caracterizam o sujeito social, cujas diferenças não podem ser reduzidas a uma unidade, e assim nenhuma diferença é subtraída (Hardt & Negri, 2012, p. 127-129). Se observarmos esse ato político pela perspectiva da multidão, podemos pensar que a pluralidade de singularidades estava presente no embate entre a homogeneidade que a própria agenda do ato propunha, diante de diversos modos de organização e posicionamentos que aprofundavam o motivo daquela convocação.

Estamos falando de diferenças que foram tão significativas que reverberaram em um problema de representação política em partidos de esquerda, pois, desde 2018, vemos uma divisão acirrada e repetitiva entre eleitores, de modo a impossibilitar, em diversos casos, que representantes de partidos de esquerda conseguissem votos suficientes para que fossem eleitos.

É importante salientar também que, ao olhar a trajetória social e política do país, não há qualquer indício da aplicabilidade da palavra igualdade quando pensamos na participação popular brasileira. Por um lado, compreender como multidão o movimento Ele Não emprega essa diferenciação enquanto a unidade de povo e as complexidades identitárias e de singularidades. Por outro lado, apresenta o caráter festivo como conflito e negociação sobre um estado de exposição de posicionamentos críticos. Esse argumento é uma provocação que situa a relevância de analisar uma manifestação como a que antecedeu as eleições de 2018, cuja proposta não era festiva, mas que foram empregados elementos significativamente reconhecidos, sob a perspectiva da pluralidade da multidão, e não de uma unificação proposta pela agenda que convocou os manifestantes. Portanto, temos uma proposta de convocação que une manifestantes, mas que, por meio do caos festivo do encontro, tem em suas diferentes formas de posicionamento um tensionamento que agencia a participação enquanto comunidade efêmera.

Ver a participação festiva sob o viés do posicionamento político impulsiona uma reflexão que abrange possíveis relações e reverberações, mesmo que subjetivas, nos demais aspectos da vida social. Não é possível determinar exatamente em que tocam as transformações proporcionadas pela presença de diferentes dramaturgias de festa em um mesmo acontecimento. Contudo, podemos considerar que existem mudanças e vínculos que são acionados. O próprio fato de o ato político não ser concebido como uma festa, mas ter elementos que indicam essa presença, reflete a relação de permeabilidade que existe entre a participação popular e aspectos da vida que não são considerados políticos.

As dramaturgias de festa parecem tocar em um âmbito considerado neste texto como parte da participação política intrínseca à vida social. Essa participação diz respeito às relações de convívio, ao sentimento de pertencimento nas diferentes esferas coletivas e na própria implicação de ações individuais. Ao circular pelas ruas, caminhando entre os manifestantes do #EleNãO, as atenções pareciam fragmentadas entre diversas propostas que buscavam traçar formas de comunicação que estivessem além do tema da convocação. A construção dessa forma específica de dramaturgia como discurso, ao enfatizar o processo de engajamento como experiência de participação, pode estabelecer uma aproximação da participação política com a vida cotidiana.

Podemos pensar que o engajamento para uma participação política sempre está em processo de expansão de sua compreensão, conquistando novas formas de existência de acordo com cada contexto histórico, podendo despertar um sentimento crítico social que permeia a vida, no sentido de um exercício político cotidiano. O olhar de Slavoj Žižek (2013) sobre o encadeamento comum que existe por trás de grandes protestos pelo mundo (Brasil, Turquia, Grécia), contribui para aprofundar o possível impacto da relação entre a manifestação #EleNãO e a noção de dramaturgias de festa, explorando a ideia de participação popular como um exercício cotidiano.

O autor afirma que existe desconforto e descontentamento maior por trás de muitos grandes protestos, que expressam reações às múltiplas facetas da globalização capitalista, cuja tendência é direcionada à expansão do mercado, somada ao enclausuramento do espaço público, à diminuição dos serviços públicos e ao aumento do autoritarismo do poder. Essa conjuntura é traçada ainda na luta dos jornalistas e teóricos em relação ao verdadeiro teor dos protestos, que é também uma luta “ontológica”, que diz respeito à coisa em si, ocorrendo no centro dos próprios protestos (Žižek, 2013, p. 100)⁴. Assim, mesmo quando determinadas demandas essenciais ou emergenciais são atendidas por instituições governamentais, os manifestantes ainda não se sentem contemplados justamente.

⁴ Slavoj Žižek exemplifica a questão do engajamento com o caso do Oriente Médio em 2011, em que foram mobilizadas multidões com palavras de ordem que exprimiam demandas abrangentes, como “contra a corrupção” ou “pela democracia”. O autor aponta que o caminho seguiu para escolhas mais difíceis, ficando claro, então, que, a partir do ponto em que as primeiras demandas são atendidas, os incômodos anteriores continuam a existir em novos formatos, sendo então preciso admitir a falha que existia no próprio objetivo e a necessidade de exigir mais do que apenas democracia política. Descobrir que o princípio pelo qual se luta pode ser inerentemente viciado é um passo de pedagogia política (2013, p.103).

A perspectiva de Žižek sobre esse cenário de protestos no capitalismo global demonstra que não podemos olhá-los como uma demanda única, pois neles está contida uma combinação de pelo menos duas questões, de ordem econômica e político-ideológica, sendo a sobreposição e a combinação de propostas um meio de expressar sua força.

Eles (os protestos) lutam pela democracia (‘normal’, parlamentar), contra regimes autoritários; contra o racismo e o sexismo, especialmente contra o ódio dirigido a imigrantes e refugiados; pelo estado de bem-estar social contra o neoliberalismo; contra a corrupção na política mas também na economia (empresas que poluem o meio ambiente etc.); por novas formas de democracia que avancem além dos rituais multipartidários; e finalmente questionando o sistema capitalista mundial como tal, na tentativa de manter viva a ideia de uma sociedade não capitalista (Žižek, 2013, p. 102).

O autor acrescenta ainda a importância de se levar em conta a complexidade que existe na sobredeterminação – que mobiliza demandas e questões organizando-as entre principais e secundárias sem a exclusão de nenhuma – como estratégia política (2013, p. 102). Imerso nessa pluralidade de reivindicações, estaria o incômodo referente à falta de liberdade (junto com as contradições da noção de liberdade democrática), à corrupção social e à perspectiva de uma vida considerada digna. O encadeamento proposto por essa análise localiza a luta por liberdade dentro de uma rede “apolítica” das relações.

A ideia de uma rede “apolítica” nas relações indica que existe um âmbito da vida pública e privada que não é considerada parte da esfera política. Žižek coloca que essa luta por liberdade deveria existir além da esfera política propriamente dita, e também residir na rede “apolítica” das relações sociais, “desde o mercado até a família”, apontando que a mudança efetiva consiste não numa reforma política, mas nas transformações das relações sociais “apolíticas” de produção (2013, p. 103). Atualmente, essa distinção encontra caminhos cada vez mais confusos, visto que a separação dessas esferas encontra uma constante base de

reconfiguração e diálogo. Especificamente, no que tange à separação da esfera política e das relações sociais “apolíticas”, essa divisão não se estabelece quando percebemos uma relação direta entre o entendimento de participação política e o modo como nos relacionamos socialmente, nossas escolhas rotineiras ou como nos enxergamos em diferentes coletivos.

Essa expansão no sentido de política, abrangendo as relações “apolíticas”, diz respeito a uma reflexão de Marx apresentada por Žižek (2013), que coloca questões como os direitos humanos, as relações trabalhistas e a liberdade de imprensa. Esses segmentos são deixados de fora da esfera política, no sentido estatal, portanto são “apolíticas”, sendo, contudo, o tipo de problemática ao qual deveriam ser dedicadas às transformações. O autor segue com o pensamento de um alargamento da ideia de exercício político, indo ao encontro de relações mais subjetivas de produção. Nesse sentido, a posição adotada aqui é de uma ressonância com a argumentação de Žižek (2013), no entanto, aderindo à terminologia “política” como prática para pensar a dimensão “apolítica” no contexto das dramaturgias de festa.

Tomando por base a perspectiva do autor, apontamos que pensamentos são construídos a partir de relações sociais, e essas, por sua vez, são permeadas por posicionamentos e conflitos políticos internos, conscientes ou inconscientes. No presente estudo são considerados sob viés político diversos espaços da vida que não são necessariamente abarcados sob a égide das questões e discussões sobre política institucional, o que parece implicar que o envolvimento da decisão na forma de se relacionar com práticas cotidianas ditas apolíticas pode refletir não apenas em um posicionamento sobre as mesmas, mas também as modificar, ecoando diretamente na esfera política. Uma coisa influencia a outra, alimentando e reorganizando constantemente paradigmas e lógicas vigentes. Enfatizo, assim, a existência de forte influência entre ambas, situando no processo de engajamento uma relação direta com o que chamo de sensação de pertencimento, que atua sobre o olhar sobre si e seu próprio lugar em situações, conjunturas e demandas coletivas.

No cenário brasileiro tratado neste artigo, o processo de desregulamentação perene, exposto anteriormente, articula a implicação do capitalismo financeiro, o agronegócio, as empresas multinacionais e os colonialismos em um processo de afastamento da constituição social democrática, atestando que a economia conservadora pede uma cultura de domesticação de corpos, e não um pensamento crítico (Castro & Abramovay, 2019, p.24). Quando consideramos que parte da esfera política é composta pelas relações sociais, entre a convivência e o modo como escolhemos transitar por elas, podemos ter outra dimensão sobre o exercício da participação política. Nossas escolhas e reflexões estão atreladas ao nosso contexto e são colocadas como posicionamentos que tomamos, conscientes ou não dos elementos que o constituem.

As reivindicações das pautas feministas desde 2013 até culminar na manifestação de 2018, versam sobre o corpo, os afetos, o direito de ter filhos, o direito de escolha de não ter filhos, serviços de qualidade na saúde e educação pública, equidade nos diversos campos de atuação, proteção contra as violências de gênero, sendo elencadas no âmbito da micropolítica. No entanto, vemos que, contemporaneamente, elas abordam questionamentos que tocam nos quadros de desigualdade social, por classe e raça, tensionando os limites capitalistas de existência (Castro & Abramovay, 2019). O movimento Ele Não expõe, por meio da negociação de múltiplas formas festivas de participação, a complexidade que existe na negociação de propostas. Esse evento demonstra que o aspecto festivo coloca em choque a “competição sobre que luta seria prioritária, ou dicotomias clássicas, entre o ‘geral’ e o ‘específico’” (Castro & Abramovay, 2019), tendo como pauta central as agendas feministas (em sua diversidade) e outras questões que versam sobre os direitos humanos. Em suma, reúnem demandas que tocam em uma existência social digna.

A festa, em seus signos de festas de rua, parece ocupar um lugar relevante na constituição dessa manifestação, contribuindo para a reunião de diferentes pluralidades sem a necessidade de unificação: com diversas posições em relação à mesma sensação de repúdio à candidatura, com formas de combate ao movimento

opressivo e seus ideais, representados por ele, sobre o representante a ser votado naquela situação ou estratégias diversas para os encaminhamentos futuros.

Considerações Finais

Não há como mensurar todos os ecos das articulações traçadas, as negociações entre as esferas individual e coletiva ou as reverberações posteriores à manifestação. A proposta deste estudo é a identificação de uma participação festiva e a reflexão sobre suas implicações, apontando relações cujas inquietações se referem a um contexto político que foi além da agenda central. A manifestação não conseguiu modificar o resultado previsto para as eleições de 2018, no entanto é altamente relevante observar o impacto do posicionamento das mulheres no cenário eleitoral, as práticas de negociação que se deram nessa manifestação e como o acontecimento se configurou ao abarcar elementos festivos enquanto um posicionamento.

A experiência observada, de celebração e protesto, aparece como potencializadora de uma participação plural que pontua nas relações de convivência momentos significativos de negociação. A dramaturgia de festa que se estabelece não consiste em uma proposta no sentido de uma elaboração prévia dentro da organização da manifestação, pois esta não se constituía segundo uma intenção festiva. Nesse caso, a dramaturgia é estruturada por meio de uma mobilização na qual a festa existe enquanto linguagem simbólica, cujos elementos são facilmente reconhecidos.

A atmosfera festiva que se instaurou não gerou disputa de atenção sobre o ato político, o que se estabeleceu foi um tensionamento entre modos de participação que expressavam perspectivas diversas. Os modos de posicionamento identificados eram sobrepostos, sendo direcionados para problemáticas geradas por aquela candidatura, assim como para identificações identitárias enquanto grupo ou indivíduo. Podemos até pensar que se expressava uma forma de celebração nesse encontro, pois, naquele período de pré-eleições, era significativo um momento de reunião de pessoas que se identificavam em torno dos mesmos ideais.

Eventos como esse remetem a expressões coletivas já conhecidas, como as festas de carnaval de rua, espetáculos teatrais, festividades religiosas populares, apresentando um lugar familiar que acaba por aproximar diferentes mundos, festivo, cotidiano e de protesto. A heterogeneidade ocasiona uma simultaneidade de formas participativas em que o corpo que festeja também desempenha um papel comunicador e de posicionamento político, colocando a participação festiva como uma forma de luta, de posicionamento e de participação popular. As dramaturgias festivas que constituíram a multidão na manifestação #EleNão em São Paulo demonstram a aproximação que existe entre arte, festa e ato de manifestação política, mas, nesse contexto específico, essa relação aparece com fronteiras mais permeáveis. A função estética de adereços, cartazes e pinturas produz mescla com fantasias de carnaval, e a percussão e as canções são também gritos de ordem e convocações ao engajamento político. Assim, vemos o engajamento por uma perspectiva de produção de lugares de poder, por meio de mecanismos de negociação dentro de propostas de dramaturgias de festa que articulam diferentes discursos pautados na resistência do exercício da participação coletiva e do sentimento de pertencimento.

Referências

Brum, E. (2018). O ataque dos machos brancos: a tensão de gênero, raça e classe marcou a eleição de 2018. *El País*. https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/21/opinion/1542809746_443796.html

Castro, M., & Abramovay, M. (2019). Quarta onda ou um feminismo maremoto? Significados do “#ELE NÃO” nas ruas do Brasil. *Juventude.br*, (17), 23-31.

Cunha, M. C. P. (2001). Veneza, África, Babel: Leituras republicanas, tradições coloniais e imagens do carnaval carioca. In: I. Jancsó, & I. Kantor (Orgs.), *Festa:*

cultura e sociabilidade na américa portuguesa (pp. 55-72). Editora da Universidade de São Paulo/Edusp/Imprensa Oficial/Fapesp.

Figueiredo, L. (2001) A revolta é uma festa: relações entre protestos e festas na América portuguesa. In I. Jancsó, & I. Kantor (Orgs.), *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa Vol I* (pp. 263-277). Editora da Universidade de São Paulo/Edusp/Imprensa Oficial/Fapesp.

Goldstein, A. (2020). O sucesso das “guerras culturais” na campanha 2018: Bolsonaro no Facebook e Instagram. *Revista Inter-legere*, 2(26). <https://doi.org/10.21680/1982-1662.2019v2n26ID20148>

Hardt, M., & Negri, A. (2004). *Multitude: war and democracy in the Age of Empire*. The Penguin Press.

Kalil, I. (2018). #EleNãO e #Elesim: uma perspectiva feminista sobre os protestos em São Paulo e sua repercussão. *Blog da Boitempo*. <https://blogdaboitempo.com.br/2018/10/04/elenao-e-elesim-uma-perspectiva-feminista-sobre-os-protestos-em-sao-paulo-e-sua-repercussao/>

Martuscelli, D. E. (2020). A crise política e os conflitos de classe não importam na análise das eleições de 2018?: um comentário crítico à obra “O Brasil dobrou à direita” de Jairo Nicolau. *Cadernos Cemarx*, 13, 1-21. <https://doi.org/10.20396/cemarx.v13i00.14744>

Paulino, S., & Paulino, S. (2019). #ELENÃO: Reflexões sobre ciberativismo feminista no Brasil nas eleições presidenciais de 2018. *Revista Acadêmica Magistro*, 1(19), 1-17.

Reis, J. J. (2001) Batuque negro: repressão e permissão na Bahia oitocentista. In I. Jancsó, & I. Kantor (Orgs.), *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa Vol I* (pp. 339-358). Editora da Universidade de São Paulo/Edusp/Imprensa Oficial/Fapesp.

Rossi, A., & Carneiro, J. D., & Gragnani, J. (2018). #EleNãO: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos. *BBC News Brasil*. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>

Soares, D. (2021). O eco das eleições 2018 no ciberespaço: as vozes das ruas nas redes (e vice-versa). *Oficina do historiador*, 14(1), 1-11. <https://doi.org/10.15448/2178-3748.2021.1.39422>

Souza, M. M. (2001). História, mito e identidade nas festas de Reis negros no Brasil – séculos XVIII e XIX. In I. Jancsó, & I. Kantor (Orgs.), *Festa: Cultua e sociabilidade na América Portuguesa Vol I* (pp. 249-260). Editora da Universidade de São Paulo/Edusp/Imprensa Oficial/Fapesp.

Streeck, W. (2018). *Tempo comprado: a crise adiada do capitalismo democrático*. Boitempo.

Vasconcelos et al. (2018). Noticiação por clicks: a cobertura fotográfica do movimento Ele Não no Cariri pelo Portal Badalo. *Revista CONADIS: anais do congresso nacional da diversidade do semiárido*.

Žižek, S. (2013). Problemas no Paraíso. In: Rolnik et al, *Cidades Rebeldes*. Boitempo.

Wrublewski, M. (2022). Encontro e ritual em dramaturgias. *Dramaturgia em foco*. 6(1), 31-49.